

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 102 — Domingo, 22 de Maio de 1955

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR
As melhores tintas para navios de pesca e de comércio
Telefone 12
Depositário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES

APROXIMAÇÃO LUSO-ALEMÃ

SE conjugarmos as recentes declarações dos Ministros portugueses dos Negócios Estrangeiros e da Economia, facilmente depreenderemos que se está fomentando, com a melhor boa vontade, uma fecunda aproximação luso-alemã.

É tradicional o espírito de colaboração que sempre tem animado os nossos economistas e o nosso comércio com a Alemanha.

Presentemente, este país é o nosso segundo importador internacional. Desde os tempos gloriosos do «comércio e da conquista» que

os nossos barcos levam àquelas paragens os produtos portugueses do ultramar e da metrópole. De aconselhar é que, novamente, estruturado um simpático ambiente de confraternização e de paz, venhamos a extrair dessa situação as vantagens a que, pela nossa ostensiva compreensão e ajuda propícia, temos jus.

O que foi a visita do Ministro da Economia à Alemanha Ocidental já foi objecto de anteriores considerações: as facilidades encontradas, o desejo de cooperação económica intensa, a disposição que o Governo alemão mostrou de contribuir para o equilíbrio de trocas comerciais mútuas, são resultados desvanecedoras de uma sábia e feliz

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

Conta Gotas

Pela Dr.ª MARIA MANUELA NUNES

Definição

As crianças... Bom, mas não me lembro ao certo se já contei isto alguma vez. Recio imitar os velhos, que repetem indefinidamente a mesma história, como se o contá-la pudesse revivê-la. Uma armadilha para caçar a vida. A vida, porém, ou declina ou sobe, mas não se repete nunca. E' demasiado preciosa para isso.

Estava eu dizendo que o meu coração é um colecionador de momentos bons e o seu fornecedor principal são as crianças. Sabem? Eu creio na força das crianças. Elas podem com o mundo. Podem com a vida. Comparada com um olhar infantil, a bomba de hidrogénio é um brinquedo. E acredito também na sabedoria das crianças.

Há dias, fui com a Francine ao campo. Andei por lá a manhã toda, sempre a caminhar (ai, se o doutor soubesse...) Dessa manhã desprende-se um perfume que não estava nas flores, (e tantas eram!) nem na luz, nem na minha alegria. Foi o caso que estando os pássaros a entoar seus cânticos viris, num ramo sobranceiro ao caminho, a Francine parou subitamente. Estava muito séria. Levantou um dedinho e exclamou professoralmente:

— Sabes? A Primavera é nós estarmos a ouvir os pássaros.

Olha, um poema!

Um grande barco com os vastos porões cheios de eis este dia. [lus]

Um dia fértil...

Um dia em que semeador e semente se confundem.

Gotas de coragem

Tão bons para mim, os meus leitores! As suas cartas, as suas palavras, o seu interesse... Tanto que me oferecem em paga do tão pouco que lhes dou! ... Se estas humildes frases são, para os leitores, «gotas de beleza», as suas cartas, para mim, são gotas de coragem.

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

NOVA UNIDADE DE PESCA

A frota pesqueira local vai ser enriquecida com mais uma valiosa unidade, pertencente à firma Lusofabril, Lda., desta vila.

O lançamento à água efectuar-se-á hoje, pelas 15,30 horas, e ao novo barco foi dado o nome de «Rajada».

Esta nova unidade, que se destina à pesca da sardinha, tem 22,5 metros de comprimento e está equipada com um motor de 180 cavalos.

OS ACADÉMICOS DE COIMBRA

NOMES SIMBÓLICOS

Por MARGOS ALGARVE

A ESCOLA portuguesa do Symbolismo nasceu em Coimbra com esse mago poeta que se chamou Eugénio de Castro.

Escrevia-se então essa palavra com y grego, embora estejamos todos cada vez mais gregos com as diferentes modificações da nossa ortografia.

A segunda vez que visitei Coimbra — em meados de 1920 — tinha lá um filho a cursar uma Faculdade, que adoeceu gravemente. A mesada não chegava para acudir a tudo: pensão, médico e medicamentos. Os pedidos de dinheiro choviam, com uma pontualidade aterradora.

Comecei a desconfiar do doente e da doença. Sem o prevenir, meti-me a caminho para tomar o pulso ao doente, como os clínicos diziam nesse tempo. Cheguei a Coimbra à uma hora da tarde, hospedei-me no «Astória», na Estrada da Beira, e mandei

logo, urgentemente, um ardina chamar meu filho para almoçar comigo.

O portador demorou duas horas certas para regressar à base hoteleira onde eu me hospedara. O moço correu a alta e bateu longo tempo à porta da casa onde o meu inválido filho habitava. Ninguém lá estava, mas uma vizinha, condóida da porta e dos seus ouvidos, interrogou o ardina.

— Para que estás aí a bater há tanto tempo?

— Venho entregar um cartão do pai de um senhor doutor que mora nesta casa.

— Os estudantes dessa república foram para Viseu com a Tuna, há já três dias...

Recebi a resposta e aliviei o espírito, pois fiquei inteirado que o meu filho fora para Viseu convalescer da grave doença que o atacara!

Nessa tarde, dei algumas voltas pela velha cidade e fui a Santo António dos Olivais convidar o poeta Tomás da Fonseca para vir jantar comigo.

Precisamente nesse intervalo, rabisquei algumas quadras sobre a paisagem de Coimbra e os seus poetas mais conhecidos. Eis uma quadra dedicada ao glorioso simbolista dos «Oaristos» e da «Belkiss»:

No benéfico mutismo
Da rutilância dum astro,
Fixaria o simbolismo
Do ático Eugénio de Castro.

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

ABASTECIMENTO DE ÁGUA a S. Brás de Alportel

PELO Fundo do Desemprego, o sr. ministro das Obras Públicas concedeu à Câmara Municipal de Alportel 35.000\$00, para abastecimento de água a S. Brás de Alportel.

O VALOR da publicidade

NA VIDA COMERCIAL E INDUSTRIAL

Por J. GONÇALVES RODRIGUES

VÁRIAS vezes temos abordado o assunto sobre publicidade, por entendermos tratar-se de um problema de princi-

LISBOA ADMIROU

ALGUNS ASPECTOS MAIS SUGESTIVOS

DA NOSSA PROVÍNCIA

ATRAVÉS DO CONCURSO FOTOGRÁFICO

PROMOVIDO PELA CASA DO ALGARVE

DURANTE alguns dias, no vasto salão da Casa do Algarve, exibiu-se um documentário fotográfico, sugestivo e artístico, da nossa província, que atraiu a atenção de elevado número de pessoas.

Designou-se essa exposição, promovida pela Comissão de Turismo e Propaganda da nossa casa regional, de 1.º Concurso Fotográfico de Motivos Algarvios, e teve o apoio de várias entidades oficiais e particulares e dos organismos turísticos da província.

O número de expositores foi de 37, a maior parte deles não residentes no Algarve e não sabemos se algarvios.

Podem classificar-se de muito boa a exposição. Através dela, passeava-se pelo Algarve, admirando os fráguedos da Rocha, as encantadoras praias de Lagos, a vida marítima de Monte Gordo e de outros trechos da costa, a beleza dos nossos campos, as amendoei-



ras na sua floração alviniente, a luminosidade deslumbrante do nosso Sol e a transparência vitrea do nosso mar.

Também os montanheiros lá estavam focados, e o

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

BANCO Português do Atlântico

RECEBEMOS do Banco Português do Atlântico, por intermédio da sua Agência desta vila, o último «Boletim Económico e Financeiro» que aquela importante e próspera instituição de crédito publica mensalmente no intuito de auxiliar o emprego de capitais dos seus clientes e, simultaneamente, informar e orientar o comércio e a indústria, concedendo-lhes indicações e sugestões que possam contribuir para a intensificação dos seus negócios.

Trata-se, de facto, de uma publicação de grande utilidade, cuidadosamente elaborada e bem apresentada.

Muito agradecemos a remessa do boletim e a atenção que nos foi dispensada pela Agência local do Banco Português do Atlântico.

Deliberações CAMARÁRIAS

REALIZOU-SE a reunião ordinária da Câmara Municipal, presidida pelo sr. dr. Alonso Vazquez, o qual deu conhecimento à Vereação dos seguintes assuntos que tratou por ocasião da sua recente deslocação a Lisboa:

Electrificação do Baixo Alentejo e Algarve — O fornecimento de energia, por parte da Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, deve começar, neste conceito, em princípios de 1957.

Saneamento da Zona Sul da Vila — A variante do respectivo projecto deve ser, brevemente, entregue na Direcção de Salubridade, onde será apreciada. Espera-se que o problema fique solucionado definitivamente e o projecto possa ser executado.

Mosaicos e lajeado para o jardim — Adquirir, para o jardim, 450 m² de mosaicos de marmorite e 200 m² de lajeado ornado a ponteiro.

Escola Técnica — Em virtude da Direcção Geral do Ensino Técnico lutar com falta de pessoal

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

BRAVURA DO INFANTE D. HENRIQUE na tomada de Ceuta

Pelo Major SOUSA NUNES

A EXPEDIÇÃO compunha-se de duas esquadras, a primeira com tripulantes do Algarve, Alentejo e Estremadura, comandada pelo Infante D. Pedro, e a segunda com tripulantes do norte, comandada pelo Infante D. Henrique.

A bordo da primeira esquadra, ia D. João I e o seu Condestável, D. Nuno Alvares Pereira, e outros lusitanos de representação. Com D. Henrique iam seus irmãos D. Duarte, o primogénito, e D. Afonso, conde de Barcelos, o bastardo.

Levava também consigo o Mestre da Cavalaria de Cristo, D. Lopo de Sousa, o representante de D. Mendo, o herói de Silves. Era descendente de D. Afonso Henriques, de D. Sancho I, de D. Afonso III e do seu mordomo-mor, D. João de Aboim. Herdeiro das duas maiores fortunas que tinha havido em Portugal, do conde Sousa e de D. João de Aboim, tudo lhe roubaram, por ódio dos serviços que os seus maiores prestaram à pátria. O último expoliador foi D. Pedro, o cruel, que lhe assassinara o pai e lhe confiscara o resto dos bens. Para sustentar sua mãe, fê-lo sua tia, D. Leonor Teles, Mestre de Cristo, com pouco mais de seis anos.

la também seu primo, o conde de Viana, D. Pedro de Meneses, descendente de D. João Afonso Telo de Meneses, que ajudara a tomar o Algarve aos mouros e a Castela; Martim Afonso de Melo, descendente de Mem de Melo, seu companheiro.

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

Seguiu para a Terra Nova

O NAVIO-HOSPITAL

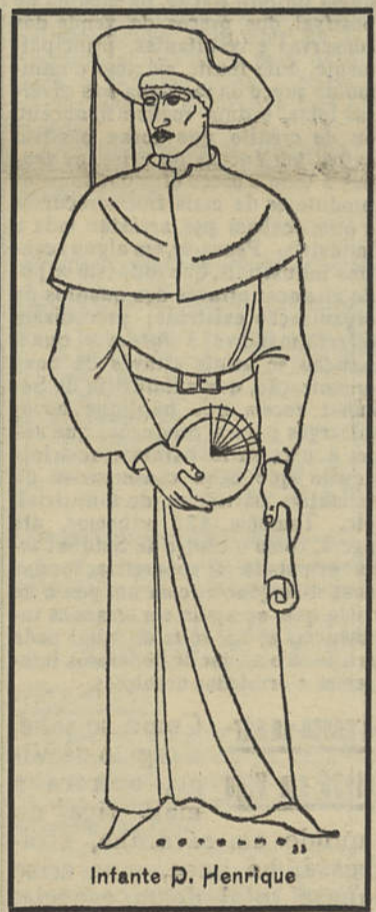
«GIL EANNES»

PARTIU, há dias, para a Terra Nova, na sua viagem inaugural, a fim de prestar assistência à frota bacalhoeira, o navio-hospital «Gil Eannes».

A bordo seguiram os srs. comandante Henrique Tenreiro, eng. Sebastião Ramirez e eng. Higinio de Queiroz, que vão assistir às cerimónias da oferta da imagem da Nossa Senhora de Fátima à basílica de S. João da Terra Nova.

EXAMES PARA ADULTOS

REALIZAM-SE, neste concelho, exames do 1.º e 2.º grau para adultos, respectivamente, em 6 e 13 do próximo mês de Junho. Os interessados devem enviar a documentação, impreterivelmente, até 31 do corrente mês à delegação escolar desta vila.



Infante D. Henrique

A NOSSA TERRA

HÁ TRINTA ANOS...

EM artigo de fundo assinado pelo sr. João António Carrilho, farmacêutico e presidente da Associação Comercial de Vila Real de Santo António, faz-se um apelo ao ministro das Finanças, pedindo a protecção governativa para delibarar a crise que a indústria e o comércio locais atravessam, devido à falta de pesca e à baixa de cotações das conservas nos mercados estrangeiros.

REABRIU, completamente modernizado, o dancing «Pombalino», com grandes atracções francesas e espanholas. Consta que brevemente será apresentado ao proprietário daquele cabaret um abaixo-assinado das esposas vilarrealenses.

EM reportagem humorística, José Temudo relata o fracasso duma tentativa separatista, para a emancipação do Algarve, a qual tinha sido tramada na Quinta.

(CONTINUA NA 1.ª PAGINA)

TRABALHO DE CONSERVAÇÃO DAS VIAS RODOVIÁRIAS DO ALGARVE

PARA trabalhos de conservação das vias rodoviárias municipais, foram concedidas pelo ministro das Obras Públicas as participações seguintes: Albufeira, 15.400\$; Aljezur, 5.400\$; Alportel, 5.000\$; Lagoa, 6.100\$; Lagos, 14.100\$; Monchique, 2.700\$; Olhão, 15.500\$; Portimão, 12.000\$; Silves, 10.600\$; Tavira, 21.600\$; Vila do Bispo, 5.900\$00; Vila Real de Santo António, 8.000\$00.

Dr. António Perfeito
GIRURGIA ESTÉTICA

— Quer dizer: Não há nada a fazer, não é verdade, senhor doutor?

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Com pouca demora, esteve nesta vila, acompanhado de sua esposa sr.^a D. Maria de Encarnação Ferreira Mendes de Vasconcelos, o nosso prezado amigo e confratâneo sr. Fernando Garcia Pego de Vasconcelos, residente em Almada.

Regressou a Lisboa, acompanhado de sua esposa sr.^a D. Maria da Encarnação Ferreira Peres Machado, o nosso prezado amigo sr. Manuel Severiano Leiria Machado.

Encontra-se nesta vila, em casa de seus pais, a sr.^a D. Maria Natália P. Correia Dourado Felizardo, filha do nosso prezado assistente sr. Felizardo Correia Dourado.

Tivemos o prazer de cumprimentar, nesta vila, o nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel Bravo, que já retirou para a sua Quinta das Cevadeiras, em Cacela.

Acompanhado de sua esposa, partiu para o estrangeiro, onde se demorará alguns dias, o sr. dr. Mário Lyster Franco, distinto advogado em Faro e ilustre director do nosso prezado, colega «Correio do Sul».

Encontram-se em Lisboa os nossos prezados amigos srs. Manuel e Valentim Medeiros Bravo.

Nascimento

No dia 12 do corrente, teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.^a D. Norberta Martins Pereira Figueiredo, esposa do nosso estimado assinante sr. Joaquim Fernando Figueiredo.

JOSÉ PEDRO DE SOUSA OLIVA

Restabelecido da enfermidade de que há pouco foi acometido, vem por este meio agradecer a todos os seus amigos e mais pessoas das suas relações, que tão gentilmente se interessaram pelo seu estado de saúde.

MOCIDADE PORTUGUESA

Ala 6.^a de Vila Real Sto. António

VIII Salão de Educação Estética

DURANTE os dias 15 a 20 do corrente mês, das 16,30 às 20,30 e das 21 às 25 horas, esteve patente ao público, na Casa da Mocidade, uma Exposição de Trabalhos Escolares, a qual foi muito interessante e onde se puderam admirar muitos trabalhos manuais de uma mocidade ardente, desejosa de apresentar, para agrado dos visitantes, em que alunos de 8 a 11 anos de idade, com iniciativa e trabalho, colaboram para um futuro melhor.

Porém, é muito de lamentar que nesta Exposição fosse tão reduzido o número de visitantes, que não foram dar a sua participação de entusiasmo aos pequeninos, sempre esperando a opinião dos seus maiores.

Falecimento

No passado dia 17 do corrente, faleceu no Hospital desta vila a sr.^a D. Maria Mendes, de 48 anos de idade, natural do Pomaral.

A extinta era casada com o sr. Francisco Ferreira, natural desta vila.

À família enlutada, apresentamos as nossas condolências.

Este funeral esteve a cargo da «Casa Funerária», de Emiliano Viegas.

PROPRIEDADE

Vende-se, a um quilómetro de Tavira, junto à Estrada Nacional, no sítio de Val-Caranguejo, uma propriedade de boas terras, abundância de água e arvoredo.

Recebem-se propostas até ao dia 31 de Maio. Caso não convenham, reserva-se o direito de não entregar.

Tratar com Francisco Ferro, Rua Almirante Cândido Reis, 46 - Tavira.

Uma Carta

DO sr. Horácio Cordeiro, recebemos uma carta, com pedido de publicação, que não podemos satisfazer em virtude de estar concebida em termos injuriosos para o visado na mesma, o nosso prezado colaborador sr. Fernando Moraes, o que faz entrar a questão no domínio pessoal. Todavia, e como ela se refere a um artigo que o nosso jornal inseriu recentemente, não desejamos arquivá-la sem dar uma resposta às injustas alegações que na epistola se formulam.

Nestas condições, cedemos a palavra ao autor da crónica que motivou esta imprevisão «tempestade num copo de água». Diz o nosso colaborador o seguinte:

Ao dar à estampa, em 8 do corrente, uma das minhas «Silhuetas», em que focava o conhecido Cabo Cordeiro, de quem fui amigo e admirador, mal sabia eu que iria repetir-se a anedota do andaluz, que tomou por grãuda ofensa um cumprimento cortês do lusitano... Tudo acontece na vida, e ninguém está livre destes percalços!

Por se tratar duma figura popular na vila, cujos traços típicos desejava fixar naquela evocação, e que ainda está viva na lembrança dos nossos conterrâneos, o tom da descrição tinha de ser ligeiro, mas de forma alguma desrespeitoso e muito menos ofensivo à memória do saudoso cabo nem de sua mulher, como, de resto, pode ser verificado pela simples leitura do artigo em causa. Antes pelo contrário, se a verdade foi um pouco «retocada» e houve estilização no descritivo, ela resultou em «dourar a pilula» e exaltar um tanto a figura evocada, segundo todos os vilarrealeses notaram oportunamente.

Surge agora, em ar quiéscico e agressivo, o sr. Cordeiro (filho), a pretender desagravar ofensas que nunca existiram. Calcule-se que toma como tais os termos «aprumado, arcaboiço de atleta, consorte», etc., e então permite-se injuriar o autor do escrito e destas linhas. Cremos que não deve ter compreendido bem o que ali se escreveu, ou sofreu influência dalgum mal intencionado. Será de aconselhar que releia, serenamente, a matéria que o engulhou e ouça a opinião de pessoa idónea e de são juízo, donde ficará ciente de que a memória de seu pai (que muito respeitamos todos) não foi diminuída nem lesada, bem ao contrário! E quanto a não se fazer alusão aos que já descansam no Além, tinha graça se não pudesse falar-se no Marquês de Pombal...

Assim, a presente carta não foi mais que uma descabida explosão de mau humor a quem lho não merecia, e as injúrias que me dirige, por não me atingirem, esqueço-as, visto o ultra-susceptível sr. Horácio ser o primeiro a saber que o autor não é já propriamente um «garoto» e nunca lhe foi conhecido nenhum vício, nem sequer o de beber ou escanhoar a reputação do próximo.

A sua injusta e infeliz atitude, se nela persistir, dá uma triste ideia das suas faculdades de compreensão e de respeito pela dignidade alheia, que me abstenho de classificar, levando-a à conta de precipitação, em que tomou a nuvem pela deusa... e quis mostrar que também sabia cavalgar...

Ora, eu só desejava que dissessem de mim, um dia depois de morto, o «mal» que eu disse do Cabo Cordeiro. E basta de música em fabordão!

ELEMENTOS ESCLARECEDORES

PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

Exportação de conservas e frutos secos

Nos dois primeiros meses do ano corrente, foram exportadas 7.824 toneladas de sardinha em conserva, no valor de 107.380 contos. Os maiores compradores foram a Alemanha e a Inglaterra que adquiriram, respectivamente, 1.609 e 1.262 toneladas. De anchovas, exportaram-se 370 toneladas, no valor de 9.909 contos. Os maiores compradores, como de costume, foram a América do Norte, com 297 toneladas, e a Suíça, com 23 toneladas. Seguiu-se a União Sul Africana, com 15 toneladas. A Itália adquiriu 69 toneladas de atum, no valor de 1.527 contos. O total das exportações de atum nos citados meses, foi de 2.975 contos e o total das conservas exportadas ascendeu a 8.466 toneladas, no valor de 128.522 contos. Os países que mais adquiriram foram: Alemanha, 23.672 contos; Inglaterra, 18.606 contos; Itália, 16.384 contos; América do Norte, 14.420 contos; Bélgica-Luxemburgo, 11.348 contos e África Ocidental Britânica, 11.090 contos.

De amêndoa em miolo, exportaram-se, nos citados meses, 1.843 toneladas, no valor de 44.213 contos. O maior comprador foi a Inglaterra, com 871 toneladas, no valor de 21.339 contos. Seguiram-se a França, Suíça e Bélgica-Luxemburgo com, respectivamente, 394, 285 e 173 toneladas.

De alfarroba triturada, exportaram-se 3.836 toneladas, no valor de 4.337 contos. A Inglaterra adquiriu à sua parte 2.545 toneladas.

O problema conserveiro O jornalista setubalense e velho amigo Guilherme Faria, profundo conhecedor dos problemas ligados à indústria conserveira, publicou no nosso prezado colega «O Distrito de Setúbal» um artigo em que foca mais uma vez tais problemas e do qual pedimos licença para transcrever as seguintes passagens cujo conhecimento interessa certamente aos industriais do Algarve:

Entretanto, a nossa indústria de conservas tem pendentes dois problemas da maior importância.

O primeiro deles é o da pesca, cujo estudo há anos se anuncia, tendo-se pensado na possibilidade de

o resolver à base das facilidades que para tal pudessem ser concedidas pelo Fundo de Renovação e Apetrechamento da Indústria da Pesca. Queremos referir-nos à criação duma frota pesqueira própria, que poderia ser uma interessante solução no campo cooperativo, no qual os industriais conserveiros de Setúbal se afirmaram já com duas empresas, a de fabrico de lataria e a de aproveitamento de detritos e óleo de peixe, fundadas há anos. O número de barcos empregados na pesca da sardinha será excessivo, como se afirma nos meios oficiais competentes; mas, pode-se admitir que é defeituosa a sua distribuição pelos portos nacionais, estando Setúbal, sob este aspecto, em flagrante desvantagem. Ora, a indústria da pesca da sardinha tem hoje dois objectivos distintos, ou, pelo menos, diferenciados; aquele que visa o abastecimento público e o que interessa especialmente como apoio que constitui da indústria conserveira. Há quem não conceba a existência de unidades conserveiras despojadas de unidades piscatórias; este ponto de vista pode ser reforçado pela observação de nunca se terem desinteressado, algumas das mais prestigiosas firmas conserveiras nacionais, da actividade da pesca em íntima relação com a sua própria indústria. Não sabemos, porém, que diligências terão sido feitas no sentido da efectivação do anunciado estudo.

O segundo problema a que nos referimos é o da tentativa várias vezes esboçada, em que se insiste e que o centro de Setúbal encara com sérias reservas, duma organização com o fim de centralizar o comércio das conservas. Recentemente foi apresentada na Câmara Corporativa uma nova sugestão de reorganização da indústria, que provocou, como aliás já se esperava, grande divergência de pontos de vista e de interesses, dos centros conserveiros portugueses. Todos estarão de acordo quanto ao desejo de que se criem à indústria de conservas melhores condições de exploração, traduzidas numa uniformização, na medida do possível, dos preços de venda das conservas e resultantes, principalmente, dum limite máximo e mínimo do preço da sardinha nas diversas lotas, e dum regime financeiro ou de crédito que torne possível evitar, em épocas de crise, as vendas a todo o preço efectuadas pelos produtores de mais fracos recursos e que acabam por arrastar toda a indústria. Pensa-se, em alguns centros industriais, que tudo isto se pode alcançar através dos quadros da organização existente; preconizam os reformadores a outrance que a solução se atinja através de nova organização, que a indústria de Setúbal recusa que implique novos encargos para a produção, que antes é necessário baratear, restringindo aquilo que deve conservar-se da iniciativa particular do industrial, etc. Também não sabemos, até agora, como o centro de Setúbal terá orientado a concretização das suas divergências com um ponto de vista que se apoia em grandes influências e em volta do qual pode sentir-se o adejar de poderosos interesses e arrojadas ambições.

A pesca da sardinha em Vigo Como se sabe, a região de Vigo, outrora a mais rica do mundo em sardinha, atravessa, há anos, uma crise quase total desta espécie, para o que deve ter contribuído o exercício criminoso da pesca por meio de explosivos. Surgiu agora ali uma luz de esperança, da qual nos dá conta um diário daquela cidade, nos seguintes termos:

«A qualidade de sardinha que nos últimos dias foi pescada na ria é excelente e lembra a dos melhores tempos. Velhos marinheiros, conhecedores deste problema, observaram que os magníficos exemplares de sardinha recolhidos mostram sinais de ter desovado dentro das águas das rias galegas, o que significa que estão em incubação novas gerações que podem dar-nos esperanças».

Na opinião de diversos marítimos, as medidas a tomar para conservar esta riqueza são as seguintes: desterrar o explosivo e as artes de arrasto e sobrealimentar as rias por meio do emprego de grandes quantidades de isco. — J. B.

NOVO BARCO MOTOR

FOI, há poucos dias, firmado contrato entre o importante industrial sr. dr. Emygdio Lima e o construtor naval e proprietário do plano inclinado desta vila, mestre António Pena, para a construção duma nova unidade destinada ao transporte de passageiros e carga no rio Guadiana, entre Vila Real e Mértola.

A nova embarcação, que deverá estar concluída em Outubro do presente ano, será de linhas modernas, com as seguintes dimensões: 22 metros de comprimento, 6 de largura, e um pontal de construção de 2,20 m e 1,50 m de imersão. Será acoplado com um motor de 180 HP, deslocando cerca de 90 toneladas brutas e comportará 90 passageiros — 24 na câmara e 66 no convés.

A nova unidade fluvial será chamada «Guadiana».

«Notícias do Cartaxo»

ENTROU no 2.º ano de publicação este nosso prezado colega, motivo por que apresentamos ao seu distinto director, sr. Fernando de Oliveira Henriques, bem como a todos os que nele trabalham, os nossos cumprimentos de felicitações, com votos de muitas prosperidades e de muito mais longa vida para o simpático semanário.

NOVOS ASSINANTES

Tivemos o prazer de inscrever como assinantes do nosso jornal os nossos prezados conterrâneos srs. Ernesto Martins, Horácio Cordeiro e Caetano Aguilera Munhoz, residentes, respectivamente, em Olhão, Lisboa e Vila Real de Santo António.

A todos, os nossos agradecimentos.

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS



As mais modernas máquinas automáticas ao serviço nas nossas oficinas, que V. Ex.^a deverá preferir para a confecção de IMPRESSOS e CARIMBOS

TELEFONE 59 APARTADO 3
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AGENDA

MOVIMENTO DA BOTA de Vila Real de Santo António De 14 a 20 de Maio:

TRAINEIRAS	
Flor do Guadiana . . .	120.505\$00
Raulito	91.220\$00
Brisa	66.390\$00
Leste	59.120\$00
Infante	39.195\$00
Agadão	19.910\$00
Levante	14.870\$00
Norte	14.250\$00
Deolinda Rita	8.735\$00
Maria Rosa	7.927\$00
Carmela	7.545\$00
Pérola do Guadiana	7.535\$00
Briosa	6.910\$00
Sam Domingos	3.620\$00
Liberta	2.990\$00
Restauração	2.310\$00
Flor do Sul	1.780\$00
Total	476.622\$00

CERCO	
Cruzeiro	5.175\$00
Atum da costa Algarvia	
67 Atuns	116.975\$00
7 Atuarros	6.791\$60
2 Albacoras	1.033\$30
Total	124.799\$90

MOVIMENTO DE NAVIOS NO PORTO de Vila Real de Santo António De 14 a 20 de Maio:

Entrados:

SÃO MACÁRIO, Português, de 1039 ton., de Lisboa, vazio.

COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.

LAUPEN, Suíço, de 468 ton., de Tânger, com carga em trânsito.

ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.

Saídos:

SÃO MACÁRIO, Português, com minério, para Lisboa.

COSTEIRO, Português, com minério, para Lisboa.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 21 a 27 de Maio, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda - Telefone 64.



Vinho Tinto da BALALICA

À venda na

MARISQUEIRA DO GUADIANA

— Telefone 145 —

Vila Real de Santo António

Empreitada de pintura

A Misericórdia de Vila Real de Santo António tem a concurso a pintura de exteriores e interiores do seu hospital.

Recebe propostas até 31 de Maio, e o caderno de encargos está patente na Secretaria.

RELÓGIOS - RELÓGIOS

Hoje, amanhã e sempre

BOAS MARCAS E COM REPUTAÇÃO MUNDIAL

SÓ NA ANTIGA CASA

RAMOS & MATEUS

R. Teófilo Braga - Vila Real de Santo António

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do

Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ESTELA QUINTINO DE AVELLAR

MÉDICA ESPECIALISTA

Doenças das Senhoras

Consultas diárias: às 11 e às 15

Abriu o seu consultório na

Rua Machado Santos, 31 — PORTIMÃO

VENDE-SE BARATO

1 Barco de enviada denominado «Albatroz 2.º», com 15 metros e motor Gleniffer 80 HP, estado de novo.

1 Barco de enviada denominado «Mar Azul», com 13,88 metros e motor Skandia 50 HP.

Facilita-se pagamento.

Dirigir ao Apartado 52 — PORTIMÃO

BRAVURA DO INFANTE D. HENRIQUE na tomada de Ceuta

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

Tendo partido a armada de Lisboa, no dia 25 de Julho de 1415, dobrara o Cabo de S. Vicente e ancorara em Lagos, onde D. Henrique tratara a primeira vez com gente algarvia e tão agradável ficara que nunca mais pôde separar-se dela.

De Lagos, dirigiram-se a Gibraltar, mas tiveram de demorar em Faro, até 7 de Agosto, por falta de ventos favoráveis. Levantando âncoras nesse dia, foram lançá-las em Algeciras, não longe de Gibraltar.

No dia 12, estavam diante de Ceuta, com enorme terror dos seus habitantes. D. Henrique pediu, em Lisboa, a seu pai que o deixasse ser o primeiro a desembarcar com os seus. O rei não só lho concedeu, como lhe outorgou a direcção principal da empresa.

Depois das manobras da praxe, para iludir o inimigo, o desembarque foi resolvido para o dia 21 de Agosto, de manhã.

Na frota de D. Henrique, a impaciência era extrema, e como o sinal demorasse, o veador do conde de Barcelos, D. João Fogaça, não podendo mais conter-se, abicou à praia com o seu batel, sendo, todavia, Rui Gonçalves o primeiro a sair.

Seguiu-se-lhe o infante, à frente dos seus cavaleiros, indignado de outro se lhe haver antecipado. Os mouros tinham deixado a cidade e na praia travavam-se combates, entre mouros e cristãos, dignos da pena de Homero.

Lutava-se de corpo a corpo, com um génio guerreiro que igualava as pelejas travadas diante de Tróia, entre gregos e troianos. Na confusão da luta, no meio do turbilhão do ferro e aço, formado pelas armaduras, arnezes, grevas, solhas, elmos e viseiras, não era fácil aos que pelejavam conhecerem-se entre si.

Pareceu, contudo, ao Infante D. Henrique ver seu irmão, D. Duarte, no mais aceso da pugna. Não se enganava; não podendo reprimir a sua belicosa impaciência, o herdeiro da coroa, por uma heróica desobediência às ordens de seu pai, meteu-se numa chalupa, acompanhado por três ou quatro fidalgos, e veio confundir-se com os combatentes do Infante, seu irmão.

Acolhido por D. Henrique jubilosamente, D. Duarte tomou com ele a direcção da peleja, que progrediu vitoriosamente para os lusitanos. Vendo fraquejar os mouros, acordaram os dois irmãos, com os seus cavaleiros, que tinham consigo, em assaltar a cidade, a qual, por fortuna, encontraram com as portas abertas.

A este tempo, já estava com eles, o conde de Barcelos, seu irmão bastardo, e pouco mais ou menos uns quinhentos guerreiros. Por conselho do Infante D. Duarte, tomaram um outeiro, onde se instalaram e donde irradiaram depois pelas diferentes ruas, que os mouros defendiam, com impeto e desespero de quem defende os seus lares.

Dividiam-se os atacantes em três grupos comandados, respectivamente, pelo conde de Barcelos, Martim Afonso de Melo, e o terceiro pelos dois infantes, D. Duarte e D. Henrique, que tomaram, os dois últimos, todas as alturas da cidade.

Para lutar mais à ligeira, D. Duarte despiu a armadura, ficando apenas com uma cota, do que resultou adiantar-se ao irmão. Para o imitar, D. Henrique despiu também a sua armadura, e quan-

do acabou já o não viu. D. Duarte fora ocupar a mais elevada das eminências, conhecida pelo nome de Cesto.

D. Henrique julgou que ele seguia a rua direita e tomou aquela direcção, levando adiante de si os mouros, que de toda a parte lhe apareciam em cardumes, defendendo-se e fugindo direito ao castelo, onde a rua ia ter.

Cerca dele, encontrou-se com um grande magote de companheiros correndo diante dos mouros. D. Henrique deixou passar os portugueses e defrontou-se com os perseguidores, auxiliado pelos guerreiros que o seguiam.

A luta era muito desigual e ele teve de bater-se quase sozinho, até que os portugueses que fugiam, envergonhados do seu pânico, e reconhecendo D. Henrique, voltaram atrás, levando os mouros de vencida até próximo da alfândega. Ali, os mouros, reforçados por muitos dos seus, tornaram a destroçar os portugueses.

Estes, enquanto fugiam, tornaram a encontrar D. Henrique combatendo em grandes apuros, já bastante ferido, sem nunca voltar as costas ao inimigo! Agrupando-se em seu redor, animados pelo seu exemplo, levaram os inimigos na sua frente, até à cerca que dividia Ceuta em duas duas cidades distintas.

No ardor da perseguição, D. Henrique compreendeu terem-se afastado muito, e que dos seus só se encontravam, por junto, 17! Os mouros detiveram-se num sítio onde a cerca exterior e a interior formavam um ângulo, protegido pela sombra do muro do castelo, que o dominava.

Ali travou-se um combate de extrema bravura, para arrancarem aos mouros um lusitano. A muito custo, conseguiram libertá-los, perseguindo os mouros com desmedida fúria. E, transpondo uma porta, encontraram-se num corredor abobadado, que ia ter a uma segunda e a terceira portas, constituindo um labirinto, como se usavam muito nas fortalezas árabes.

Contando os companheiros, verificou que eram quatro e consigo cinco! Todos os mouros tinham fugido misteriosamente. Foi o que valeu, considerou. Um lusitano prefere a morte à fuga, e D. Henrique, educado nesse princípio, conquistado um posto, já o não largava por coisa nenhuma, e ali esteve umas poucas de horas, à espera que chegasse alguém.

Por fim, alguém chegou, para lhe comunicar que toda a cidade estava em poder dos Lusitanos! Todos o julgavam morto, e seu pai chamava por ele, cheio de angústia.

Indo D. Henrique à sua presença, D. João recebeu-o nos braços, louvando-lhe a bravura, mas não deixando de censurar a sua juvenil temeridade. Era a sua estreia de armas. Tinha 21 anos de idade. A sua despedida teve lugar aos 64 anos, em Alcácer Ceguer, dois anos antes de morrer.

Procedendo-se à escolha do governador da cidade, o rei indicou o nome de Martim Afonso de Melo, envelhecido ao serviço da pátria, cujos últimos actos de heroísmo foram prestados nesta empresa. A instâncias de D. Duarte, ficou o conde de Viana, D. Pedro de Meneses, que o Infante herdeiro acabava de armar cavaleiro.

Sousa Nunes

Visado pela Comissão de Censura

CASA FUNERÁRIA de EMILIANO DA CONCEIÇÃO VIEGAS

A MAIS ANTIGA DA VILA Rua Teófilo Braga, 77

Caixões e urnas com todos os pertences Funerais modestos e luxuosos

3 carretas funerárias e 2 panos de respeito de alto valor

Preços sem competência, podendo conceder-se facilidades de pagamento

FUNERAIS DESDE 150\$00

Chamadas a qualquer hora da noite, rua Eça de Queirós, 23-25, onde se limita a aguardar chamadas, sem importunar as famílias.

Casino da Praia da Manta Rota

ÉPOCA BALNEAR DE 1955

A Junta de Turismo de Vila Nova de Cacela recebe propostas, em carta fechada, para o seu arrendamento (Restaurante e Sala de Baile), para a época balnear de 1955, devendo as mesmas ser entregues em casa do Presidente da Junta, até ao dia 1 de Junho de 1955.

Vila Nova de Cacela, 20 de Maio de 1955.

O Presidente da Junta de Turismo,

a) Hilderico do Nascimento Pires



DESPORTO

BASQUETEBOLO COLUMBOFILIA

Flor de Lis, 30 - A. Académica, 28

No passado dia 13 do corrente, pelas 22 horas, realizou-se no Parque de Instrução dos Bombeiros Voluntários o primeiro encontro de basquetebol entre a Associação Académica e a Flor de Lis, as únicas equipas que nesta vila praticam tal modalidade. As primeiras páginas do basquetebol em Vila Real de Santo António, foram, pois abertas com este primeiro encontro. Honras lhes sejam feitas à Académica e à Flor de Lis.

As equipas alinharam e marcaram: Académica — Armando (2), Apolinário, Farinha (8), José Armando (10), Pereira (8), Lança, Salas e Jara. Flor de Lis — Gavino (10), Primo, Albano, Branco (6), Andrade (12), José Luís, Fernandes e Oliveira (2).

O resultado traduz bem a maneira como decorreu a partida. Desde o primeiro momento, as forças dos dois clubes mostraram-se equilibradas, permitindo-nos assistir a um movimentado jogo, e o marcador era constantemente modificado, ora para um lado ora para outro, constituindo assim um encontro animado que chegou mesmo à emoção, por parte dos adeptos de ambos os clubes, que ruidosamente aplaudiam a sua equipa. Ao intervalo, os grupos empatavam 12-12.

Contudo, os jovens da Académica nesse primeiro tempo jogaram com mais ligação e velocidade. Após o intervalo, a formação da Flor de Lis começou a desenvolver melhor jogo e a sua recuperação surge com a marcação de alguns cestos por Gavino e Andrade, que foi o melhor encestador do encontro.

Notou-se, nitidamente, que certos elementos da Académica no segundo tempo acusaram a fadiga do jogo, por falta de preparação física, mas melhor não se podia esperar, pois há só um mês aproximadamente que a Académica pratica basquetebol. Nos últimos momentos do encontro a vontade dos rapazes da Académica por vencerem chegou a ser empolgante, o que fez arrancar palmas constantes da assistência. Salientaram-se, pela Flor de Lis, Andrade e Gavino, e pela Académica, o valoroso defesa Armando, ex-campeão do Algarve, e José Armando.

A arbitragem do sr. Faustino do Nascimento, apesar de ter sido benévola, agradeceu.

José Agostinho

«O otro fundamental está em lerlar o cinema das outras formas de actividade geral, e sobretudo — estudando-o — pretender arrancá-lo ás suas dependências económicas.»

Léon Moussinac

SECÇÃO DE CINEMA

Orientação de VITORIANO ROSA

DUAS REVISTAS QUE INTERESSAM AO ESPECTADOR DE CINEMA

«VISOR»

A revista dirigida por Fernando Duarte mantém-se em pé, cada vez mais remoçada e actante. Do n.º 21, que acaba de sair, destaca-se o seguinte sumário:

Uma carta de Leitão de Barros, sobre as medidas necessárias para resolver a actual paralisação do cinema português; «Como se faz um cine-club», preciosos elementos que se revelam pela primeira vez ao público; «O estilo e as escolas de desenho animado», de Marie Therese Poncet; Uma carta da Alemanha, sobre a situação actual do cinema alemão; «Novo ensaio da Filmografia de Jean Renoir» e «Existe um neo-realismo japonês?», assinados, respectivamente, pelos brilhantes críticos Carlos F. Cuenca e Georges Sadoul. Salienta-se ainda «Um inquérito e um grande concurso».

«Visor» insere também as suas secções habituais — «Notícias dos cine-clubes» (onde se fala do Cine-Clube de Vila Real de Santo António) e «Crítica de Filmes» (Escândalo de Amor, Domingo de Agosto,

Sete anos de liceu, Crina Branca, Os três mosqueteiros, Desafio à Morte, Cavalação de Canções e Escândalo na Embaixada).

Completam o sumário deste interessantíssimo número um artigo de J. F. Aranda — «Visita às Cinematecas» — e outro de Dudley Nichols — «Definição do artista e do crítico».

«IMAGEM»

Desperta o mais vivo interesse o n.º 11, que acaba de ser publicado.

Ernesto de Sousa, com a sua autoridade e saber, responde nas «Cartas à redacção» à polémica levantada por um leitor sobre teatro e cinema. Manuel Pina fala do seu entusiasmo pela visita que fez ao Cine-Clube do Porto e descreve as actividades deste clube. Do cinema no mundo, Ernesto de Sousa insere um belo trabalho em «Crónica de Paris» e René Jeanne aborda o tema de «Stendhal e o cinema». A secção de crítica de filmes incide sobre «O amor de uma mulher», «Há todo no país» e as curtas metragens portuguesas «Natal Português» e «Alma de uma Cidade». Completam o sumário deste número, a revista «Cinderella», escrita e representada pelas crianças da Secção Infantil do Cine-Clube do Porto, e as críticas de Alves da Costa e Mário Bonito aos filmes portugueses «Lucros... ilícitos» e «Aniki-Bóbo».

Seria uma grave omissão não destacar, por último, o extraordinário interesse das gravuras e fotografias publicadas, não só nas 4 páginas em papel «couché», mas também entre o texto dos artigos. Tratavam-se de documentos valiosos para todos os que se interessam pela grande arte que é o cinema.

Vitoriano Rosa

O VALOR DA PUBLICIDADE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

do antigos moldes, sem se aperceberem de que estamos na época do dinamismo e das velocidades!!

O nosso prezado colega «O Século», em artigo de fundo de 1 do corrente, trata do assunto com mão de mestre exaltando o valor da publicidade, citando até, a propósito, o facto de o Brasil mandar a Portugal um certo número de caixeiros-viajantes encarregados de fazer a publicidade de vários produtos da Nação Irmã, no desejo de alargar o comércio com o nosso país, dando expansão aos géneros que tem para exportar.

Depois de focar o facto de vivermos numa constante ameaça de guerras, que periódicamente dizimam a humanidade e que o destino dos povos tem que concretizar-se em realizações sempre inovadoras e que a revelação das novas descobertas atómicas deu aos homens possibilidades de criação e de acção com que nunca contaram, vindo quebrar algumas e desfazer dificuldades, durante séculos consideradas invencíveis, chegou à conclusão de que, para se alcançarem tais desideratos, para se extrairermos das descobertas e dos mistérios os possíveis resultados, uma força se criou, sem a qual não seria possível atingir os prodígios a que nas últimas duas décadas se tem assistido.

Essa força é a publicidade!!! Sem ela tudo se afogaria no silêncio e no completo esquecimento!

Concordamos em absoluto com a doutrina expendida no suculento artigo em referência. Há muito tempo que nós debatemos o assunto, citando, por acaso, o artigo inserto neste jornal em 12 de Agosto de 1953, em que, a propósito de um anunciado Congresso da Imprensa, em língua portuguesa (que, por sinal, ficou no tinteiro), focávamos o problema da publicidade nos jornais e apontávamos a vida difícil que os jornais de província atravessavam, mercê dos fracos recursos de que dispunham e da falta da sua principal alavanca — a publicidade!

E referimo-nos então à concorrência que é feita à publicidade na Imprensa, pela publicidade radiofónica, que de cada vez mais se desenvolve, acontecendo que os aparelhos de rádio, nas suas emissões, se empregam mais em fazer réclames aos variados produtos, do que a recrear e instruir o público, fornecendo-lhe programas com boa música.

Esobre a eficiência e vantagens dessa publicidade, apontávamos, no artigo em referência, um facto de que fomos testemunha: um comerciante que recusou dar a um angariador de publicidade radiofónica um anúncio, por reconhecer que na Imprensa lhe dava melhor resultado, ficando-lhe, mesmo, muito mais barato, por ser lido por toda a gente, porque os rádio-ouvintes são poucos e muitos deles mudam de estação ou fecham o aparelho, quando chega a altura da referida propaganda das casas comerciais. Ao passo que num jornal toda a gente os lê e sempre é uma «coisa» que fica, o que já não acontece com o rádio-difundido, que se perde no espaço, não deixando rasto algum...

Em todo o caso, queremos frisar e acentuar, mais uma vez, que a publicidade é indispensável na vida moderna, e a sua distribuição é ao sabor de quem a paga, conforme o seu gosto ou critério...

Mas o que não oferece dúvidas nenhuma é que a publicidade é hoje necessária em todos os ramos, tanto comerciais, como industriais, só vencendo e vencendo os que persistentemente propagandeiem aquilo que lhes interessa dar conhecimento.

Ainda há quem considere a publicidade um luxo, agarrados a um sistema antigo que não tem razão de ser nem de existir na época que decorre!...

Quem quiser vencer tem que lutar! E a luta do bom e inteligente comerciante ou industrial faz-se com uma arma única, que é a publicidade, e mesmo quanto maior calibre esta possa ter, maior será o seu êxito, maior será a sua vitória na luta de concorrência com os competidores que lhes dão batalha.

Repetimos os nossos aplausos ao nosso colega «O Século».

José Gonçalves Rodrigues

NO dia 17 do corrente, realizou-se no Cine-Foz mais uma sessão (a 3.ª) do Cine-Clube desta vila, que se encontra ainda em organização, mas que vai em franco progresso.

No espectáculo, que abriu com a leitura duma palestra da autoria do sr. Fernando Morais Rodrigues, foram exibidos os seguintes filmes: CAPRICHOS ESPANHOL, em technicolor, com bailados clássicos e música de Rimsky Korsakoff, e a grande produção americana de John Huston, premiada em 1947, O TESOIRO DA SIERRA MADRE.

A sessão compareceu elevado número de associados, sendo unicamente de lamentar o facto de certo sector da assistência tomar as palestras de apresentação como uma maçada dispensável, por desconhecimento da sua necessidade e do fim de geral utilidade a que visam. O nosso meio já tem certas responsabilidades no campo cultural, e tornam-se estranháveis certas atitudes destoantes do nível mental próprio dum centro urbano como o nosso. Felicitamos os organizadores pelo esforço despendido e pelos resultados já conseguidos neste primeiro Cine-Clube do Algarve.

nal em 12 de Agosto de 1953, em que, a propósito de um anunciado Congresso da Imprensa, em língua portuguesa (que, por sinal, ficou no tinteiro), focávamos o problema da publicidade nos jornais e apontávamos a vida difícil que os jornais de província atravessavam, mercê dos fracos recursos de que dispunham e da falta da sua principal alavanca — a publicidade!

E referimo-nos então à concorrência que é feita à publicidade na Imprensa, pela publicidade radiofónica, que de cada vez mais se desenvolve, acontecendo que os aparelhos de rádio, nas suas emissões, se empregam mais em fazer réclames aos variados produtos, do que a recrear e instruir o público, fornecendo-lhe programas com boa música.

Esobre a eficiência e vantagens dessa publicidade, apontávamos, no artigo em referência, um facto de que fomos testemunha: um comerciante que recusou dar a um angariador de publicidade radiofónica um anúncio, por reconhecer que na Imprensa lhe dava melhor resultado, ficando-lhe, mesmo, muito mais barato, por ser lido por toda a gente, porque os rádio-ouvintes são poucos e muitos deles mudam de estação ou fecham o aparelho, quando chega a altura da referida propaganda das casas comerciais. Ao passo que num jornal toda a gente os lê e sempre é uma «coisa» que fica, o que já não acontece com o rádio-difundido, que se perde no espaço, não deixando rasto algum...

Em todo o caso, queremos frisar e acentuar, mais uma vez, que a publicidade é indispensável na vida moderna, e a sua distribuição é ao sabor de quem a paga, conforme o seu gosto ou critério...

Mas o que não oferece dúvidas nenhuma é que a publicidade é hoje necessária em todos os ramos, tanto comerciais, como industriais, só vencendo e vencendo os que persistentemente propagandeiem aquilo que lhes interessa dar conhecimento.

Ainda há quem considere a publicidade um luxo, agarrados a um sistema antigo que não tem razão de ser nem de existir na época que decorre!...

Quem quiser vencer tem que lutar! E a luta do bom e inteligente comerciante ou industrial faz-se com uma arma única, que é a publicidade, e mesmo quanto maior calibre esta possa ter, maior será o seu êxito, maior será a sua vitória na luta de concorrência com os competidores que lhes dão batalha.

Repetimos os nossos aplausos ao nosso colega «O Século».

José Gonçalves Rodrigues

NO dia 17 do corrente, realizou-se no Cine-Foz mais uma sessão (a 3.ª) do Cine-Clube desta vila, que se encontra ainda em organização, mas que vai em franco progresso.

No espectáculo, que abriu com a leitura duma palestra da autoria do sr. Fernando Morais Rodrigues, foram exibidos os seguintes filmes: CAPRICHOS ESPANHOL, em technicolor, com bailados clássicos e música de Rimsky Korsakoff, e a grande produção americana de John Huston, premiada em 1947, O TESOIRO DA SIERRA MADRE.

A sessão compareceu elevado número de associados, sendo unicamente de lamentar o facto de certo sector da assistência tomar as palestras de apresentação como uma maçada dispensável, por desconhecimento da sua necessidade e do fim de geral utilidade a que visam. O nosso meio já tem certas responsabilidades no campo cultural, e tornam-se estranháveis certas atitudes destoantes do nível mental próprio dum centro urbano como o nosso. Felicitamos os organizadores pelo esforço despendido e pelos resultados já conseguidos neste primeiro Cine-Clube do Algarve.

VINHOS

Aguardentes e licorosos 100%. Antes de comprar, consultem sempre o TREZE — Cartaxo.

Papel Vegetal

Vende, aos melhores preços, Clemente & Filhos, Lda., Telefone 92, Vila Real de Santo António.

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

AMOR UNIVERSAL

«O primeiro dos patriotismos é amar o universo» — disse André Maurois.

Sim, com a condição de não nos esquecermos de amar o vizinho da nossa porta. Não passa de amor platónico, teórico, air évaporé, o amor consagrado a toda a humanidade, a este mundo e à cabeça do outro. Quando queremos o impossível de amar o universo e arredores, esquecendo-nos da nossa Bitesga, estamos simplesmente dando provas de uns refinadíssimos egoístas.

CRUELDADE

Juliano era, de uma só vez, injusto e irónico para com os cristãos, a quem perseguiu sem conta, peso, nem medida.

— Diz a sua lei excelente que devem renunciar aos bens terrenos, para alcançarem o céu? Pois então, facilitemos-lhes a tarefa, aliviando-os dos bens que possuem, para que a viagem lhes seja mais fácil. Seria grande crueldade que caminhassem carregados...

E quando os cristãos se atreviam a gemer sob a tortura dos tormentos que lhes infligiam, logo Juliano vinha com as suas ironias:

— A vocação dos cristãos não é sofrer? Mais não fazemos do que facilitar-lhes o exercício da sua vocação...

Há tiranos que não se limitam a ser cruéis de pulso, são-no também de língua.

PODER

O poder não se demonstra com palavras — mas com factos, como quem diz: exercendo-se. Quando os juristas entram em acção para demonstrar a existência do poder, é certo e sabido que ou ele está prestes a perder-se, ou já não existe.

D. JOÃO

D. João é, de uma só vez, o egoísta capaz de deitar fogo ao prédio do vizinho para estrear o seu ovo; o homem que, no lugar do coração, anicha um seixo bicudo; o sensualão que leva a palma ao macaco; o ateu, sem outro ideal que não seja o da sedução, seja onde for, seja como for, abominando o ne varietur, na sua caça à mulher. Lágrimas femininas, come-as com o pão. Se a moda aconselhar a devoção, ele armará em Tartufo, porque a hipocrisia lhe poderá, então, ser rendosa, na sua cinegética de libertino sem freio. No fim e ao cabo, é sempre um cínico descabelado.

Só uma qualidade o nosso homem tem, e nem sempre, porque, por vezes, é um chapadíssimo covarde: a coragem de dar pontapés nas anatomias traseiras da morte, quando, em cenas de bravata, esta lhe arreganha os dentes.

LA DUSE

Viver a vida com arte, e fazer a sua arte com vida, tal foi a existência da Duse. Nenhuma das personagens por ela incarnadas lhe ficava curta nas mangas. Nelas punha toda a sua alma, todo o seu corpo, toda a sua sensibilidade, num holocausto sem conta, peso nem medida. Quando tinha de representar uma personagem tísica, de uma tísica galopante, metta-se dentro dela, e pouco faltava para ter hemoptises reais. Era integral a sintonização afectiva entre as suas personagens e ela própria. Hoje, Margarida Gautier; depois, Césarine; logo a seguir, Magda, a famosíssima Duse deixava de ser ela própria para ser aquelas que espiritualmente lhe passavam procuração.

CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Nota de crítica

Poeta! Não fales, morbida e cruelmente, dos teus fracassos, das tuas derrotas, da tua miséria pessoal. Não vês que falando deles os estás adulando e aumentando? E semeando? Agradar-te esmagar a vida? Cuidado!, a vida acabará por te esmagar a ti.

Documentário

Um documentário de cinema apresentava o corpo de um pescador japonês atingido pelas radiações de uma explosão atómica no Pacífico. Indescritível! A vista de tal monstruosidade é que se compreende, em toda a sua extensão o clamor universal contra as bombas atómicas e de hidrogénio.

Maria Manuela Nunes

Noticias do Algarve

SEMÁRIO REGIONALISTA

CONTAS DA DESPESA E RECEITA EFECTUADAS COM AS IMPORTANTES OBRAS DO ALTAR-MOR DA NOSSA IGREJA PAROQUIAL

DESPESA	
Sacrário (bronze)	25.000\$00
6 castiçais grandes-Banqueta (bronze)	15.000\$00
Sacras (molduras em bronze, com as letras gravadas e esmaltadas)	10.000\$00
Quadros da Ceia e motivos laterais do frontal (bronze)	12.700\$00
2 castiçais pequenos (bronze)	2.500\$00
2 castiçais de três braços - Serpentina (bronze)	4.000\$00
2 grandes lampadários e instalação eléctrica nos mesmos (bronze)	28.800\$00
Desenhos do altar e das sacras	500\$00
Ida a Lisboa por motivo das obras do altar Pedras para o altar, em lioz brunido (Firma Pardal Monteiro, Lda.)	37.000\$00
Prémios pagos pelos cheques enviados	175\$60
Ao canteiro-montador do altar, vindo de Lisboa (passagens, pensão e trabalho)	1.626\$50
Ampliação dos degraus da capela-mor e deslocação do nicho	693\$50
Material vário para a colocação do altar e trabalho dos pedreiros	1.284\$20
Embalagens, transportes*), seguros, descarregamentos, etc.	1.341\$60
Total	141.111\$40

RECEITA	
Donativos publicados no «Noticias do Algarve»	128.859\$20
Vários pequenos donativos	3.623\$00
Total	132.482\$20

RESUMO	
Despesa	141.111\$40
Receita	132.482\$20
Déficit	8.629\$20

Para ajudar a cobrir este déficit, dispomos já:
De uma generosa Benfeitora (2.ª oferta) 5.000\$00
De D. Amparo Barbosa (2.ª oferta) 1.500\$00
Faltam ainda 2.129\$20

N. B. — Além destas despesas já efectuadas, antes do altar ser inaugurado, teremos que adquirir passadeiras, velas automáticas, comungatório, lampadas para os lampadários, damasco vermelho para cobrir o fundo do altar, etc., o que elevará o déficit acima referido.

a) — Cumpre-nos agradecer ao sr. Artur da Rosa Botelha o transporte absolutamente gratuito, nos seus camiões, de todos os bronzes e das pedras, que estão a ser colocadas no frontispício da nossa igreja paroquial. Bem haja pela sua gentileza e generosidade.

O Pároco, Padre Joaquim Galhardo

A PROXIMAÇÃO LUSO-ALEMÃ

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

política para ambas as partes.

Agora, o que foram as congratulações do ministro português dos Estrangeiros na reunião ministerial da N. A. T. O., pela entrada da Alemanha naquela importante organização internacional de defesa e manutenção da paz, mostra bem os sentimentos e intenções de que Portugal está animado para com aquele grande país.

«Não é de agora — disse o prof. Paulo Cunha — esta posição do meu país; desde há muito, praticamente desde o nascimento da O T A N, pode-se dizer Portugal sustentava que a Alemanha devia pertencer à aliança atlântica. Mais não será necessário dizer para concluir quanto nos é grata a cerimónia de hoje com que se sublinha um facto de verdadeira projecção histórica.

Não está ainda completo o quadro da aliança, nem todas as nações que dele logicamente devem fazer parte. Estão nele formalmente incluídas, embora saibamos que todas estão conosco no espirito comum de defesa dos valores ocidentais, mas nem todas as dificuldades se podem vencer ao mesmo tempo, e congratulemo-nos por se ter chegado já a esse passo tão importante. Saudemos, de coração

aberto, a adesão da Alemanha ao Tratado do Atlântico Norte; temos bem consciência das vantagens que daí advêm para todos. A Alemanha, que se reintegra no Estatuto que dignamente lhe compete, vê aumentada a sua segurança e melhor definida a sua solidariedade com as mais Nações Ocidentais. A aliança atlântica, a que todos nos honramos de pertencer, sente-se singularmente reforçada e robustecida com a entrada para o seu seio de uma Potência de quem tanto há a esperar para o bem comum.

Criam-se assim melhores condições pela acrescida homogeneidade do Ocidente para se procurar obter uma solução pacífica dos graves problemas que atormentam o Mundo. Faço votos bem sinceros pelas prosperidades do nosso novo aliado e pelo sucesso da obra meritória e fundamental em que todos andamos empenhados.

Quem, com igual sinceridade, poderia defender semelhante posição perante as outras treze nações do Pacto do Atlântico? Não será desejável que duma posição ainda há poucos anos mal vista e perigosa, não sejamos esbulhados em proveito de outros?

Além do significado político das declarações do prof. Paulo Cunha, deve aproveitar-se a sua lição e a dos

CANÇÃO INESQUECIDA

Ao poeta A. Vicente Campinas, como prova de apreço pela sua Canção ultrapassada.

Se a tua canção é bela,
A minha, poeta, embala
A mudez da flor singela
Que dentro de mim fala.

Se o teu canto é um clarão
Iluminando um sol-pôr,
O meu canto, meu irmão,
E' a voz da própria dor!

Por isso, poeta, canta,
Que a tua canção é minha:
— Anda na minha garganta
Em gorjeio de avezinha!...

J. Santos Stockler

LISBOA ADMIROU ALGUNS ASPECTOS DA NOSSA PROVÍNCIA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

burrinho, companheiro indispensável nas labutas no campo e veículo económico para «ir à vila». Não faltaram, é claro, as açoteias de Olhão e as caprichosas chaminés, motivos de preferência dos amadores fotográficos. Também se podiam apreciar algumas fotos de monumentos, dos poucos que temos na província. De Vila Real de Santo António, expunham-se três aspectos recolhidos por amadores de Lisboa e Setúbal, por acaso um tanto já desactualizados. Um deles obteve uma menção honrosa. O grande Prémio foi atribuído ao sr. Júlio Bernardo, de Portimão, obtendo o prémio do S. N. I. o sr. Artur Pastor, de Lisboa.

Esperemos que este concurso estimule os nossos amadores fotográficos a recolherem os aspectos sempre lindos e sugestivos do nosso Algarve, para que assim possam comparecer a futuros concursos e aliviar aos estranhos, através da imagem, as belezas da nossa encantadora província.

A NOSSA TERRA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ta da Fidalga, durante um almoço oferecido pelo sr. dr. Soares de Mattos a um grupo de amigos políticos.

O sr. conselheiro dr. Luciano Monteiro, em circunspecto artigo (talvez um tanto pessimista) sobre a política alemã, prevê como inevitável a futura absorção da nossa colónia de Angola, pela Alemanha renascente, com plena aquiescência da Inglaterra, isto em virtude do «desfalco da gerência de Norton de Matos.»

A colónia algarvia do Rio de Janeiro está tratando de realizar aquela grande aspiração da nossa colónia em Lisboa: A Casa do Algarve.

(Maio de 1925)

esforços do Ministro da Economia para que sejam dia a dia mais intensas as relações económicas, culturais e sociais luso-alemãs.

A. Boaventura

NOMES SIMBÓLICOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

O poeta das «Canções desta negra vida» foi, com justificada razão um dos melhores puristas da língua portuguesa. Morreu de desgosto — disseram alguns jornais — por ser obrigado a deixar a sua casa, que foi demolida em obediência à lei do progresso...

O simbolismo coimbrão voga nas asas do tempo desde a permanência de Camões na cidade do Mondego. Nem ele próprio escapou a essa antiga usança, que o atingiu na cor da barba.

Não pense, porém, que eu vou relatar aqui todos os nomes simbólicos dos académicos de Coimbra. Deixo essa tarefa para um neto ou bisneto com manhas de jornalista...

Na estudantada da Lusitana Atenas houve sempre um ou dois valentes de nome, sem me referir, é claro, àqueles que provocaram o massacre dos dentes em Condeixa, selvageria que todo o mundo reperovou e forçou D. Miguel a castigar com a força os que pôde apanhar à mão. Alguns conseguiram passar a fronteira de Espanha, fugindo à execução da pena. Houve até um que se fez deita-gatos e chamou-se a cara com pólvora, vagueando por terras do Algarve e do Alentejo, com o nome suposto de Fresca Ribeira. Conseguiu assim eximir-se ao patíbulo, morrendo velho e longe da sua família.

Eduardo Segurado e António de Azevedo Castelo Branco formaram-se em Direito e deixaram os seus nomes ligados a actos de valentia praticados em Coimbra.

O primeiro tornou-se um magistrado exemplar e foi governador civil de Lisboa. O segundo, que era sobrinho materno de Camilo Castelo Branco, entrou na política como deputado e foi ministro da Justiça.

Outro valentão da Academia de Coimbra entrou pela lenda como o «Simão das Forças». Sendo caloiro (primeiro ano de Direito), uma troupe de quartanistas, que andava à caça de caloiros, surpreendeu-o, alta noite, em uma rua. Cercado por cinco veteranos, tentaram-lhe cortar o cabelo. O Simão não consentiu. Quatro mocos se ergueram contra ele e a respectiva tesoura para a toquia. Não se intimidou. Em um movimento rápido, arrancou das mãos do estudante que segurava a tesoura, e esse instrumento de suplício e vergonha passou para as suas mãos possantes. As mocosadas, certas e ferozes, calamlhe em cima. Mas o Simão não recuava nem fugia.

Brandia a tesoura como um punhal de duas pontas. A breve trecho, prostrou três adversários; os restantes dois, muito feridos, fugiram com pavor. Um futrica chamou a polícia e esta fez logo conduzir ao hospital os três feridos. Simão não arredou pé do lugar da luta, ficou detido e teve de receber curativo no hospital.

Os três rapazes permaneceram longo tempo no hospital, entre a vida e a morte.

O «Simão das Forças» passou a ser olhado pela Academia e pelo povo como um leão indomável.

Levou o seu curso até ao fim, e ninguém mais lhe embargou o passo, de noite ou de dia!

Entrou para a magistratura e honrou sempre a sua toga.

Os nomes simbólicos continham chiste e graça popular.

Um rapaz brasileiro que estudou ali, certa manhã foi encontrado a matar duas carochas que viu no caminho.

Um colega, que o observava, chamou-lhe logo o mata-carochas.

Ao outro dia, já toda a Academia lhe chamava por aquele nome pitoresco. Formou-se e voltou para o Brasil. Anos depois, publicou as «Memórias do Mata-Carochas», livro de recordações da sua e outras vidas de Coimbra. Livro interessante, repleto de notas curiosas e de um prefácio de José do Patrocínio, o fogoso orador da abolição da escravatura.

De muitos rapazes algarvios, que estudaram em Coimbra, conheço nomes simbólicos que se ajustam ao seu todo físico, moral, intelectual e social. Aqui menciono alguns: o poeta João Lúcio, «A Girafa», por ser alto e de pescoço esguio; o notário Henrique Gomes, «O Pai das Cólidas», visto nas vésperas de exame andar aflito com as mãos na barriga; um conservador do Registo Civil, cujo nome morreu com ele, «O Decilitro», por andar continuamente a decilitrar o bom vinho, sem ofender a memória de João Pena...

Um dos nomes que maior sucesso obteve entre os académicos de Coimbra foi este — «O Burro do Senhor Alcaide».

O dr. Afonso Costa, já com a sua reputação de urso firmada, tinha um condiscípulo que bebia, maravilhado, a sua inteligência, a sua oratória e as suas ideias republicanas. Um fiel discípulo, que se conservava inalteravelmente mudo e quedo perante o verbo do mentor ilustre.

Gervásio Lobato, com o seu humorismo cintilante, atirou para a ribalta «O Burro do Senhor Alcaide», excelente opereta de costumes nacionais, que Portugal e Brasil apreciaram em centos de representações.

Afonso Costa, por desfastio e intimidade, dizia ao seu colega e admirador, uma ou outra vez, que lhe levasse os compêndios e sebatas para o seu quarto...

Este caso foi reparado por outros académicos que não morriam de amores políticos por Afonso Costa; e, inesperadamente, alguém conferiu ao amigo de Afonso este nome burlesco — «O Burro do Senhor Alcaide».

O nome do amigo é que eu não escrevo, tanto mais que desposou uma senhora algarvia e ele era uma pessoa de bem. Para mal dos meus pecados, basta o que eu tenho dito de sábios, estetas e políticos.

A carta de chamada de S. Pedro não deve tardar e eu aspiro um lugar reservado na mansão celestial...

A «Queima das Fitas», em Coimbra, vem de antigos tempos. Lisboa e Porto, nos últimos anos, também realizaram a sua «Queima», sem contudo despertar o entusiasmo da «Queima» de Coimbra.

Acorreu à histórica cidade universitária gente de vários pontos do País, no mês de Maio, o mês escolhido para aquele Carnaval académico. Há cinco anos que ali fui assistir a esse festival, e notei a presença de espanhóis, franceses e ingleses, homens e senhoras.

Diferentes cursos ali foram também festejar o passado. No Teatro Avenida, em recita de gala, apareceu o dr. Parafada de Oliveira, que todos ovacionaram. Apesar de parecer já um burguês de 40 anos, cantou com arte e foi imensamente aplaudido:

*Eu quero que o meu caixão
Tenha uma forma bizarra,
A forma dum coração,
A forma duma guitarra!*

Marcos Algarve

Deliberações CAMARÁRIAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

docente competente para o efeito, não será ainda no corrente ano que a Escola Técnica desta Vila virá a ser criada.

A seguir, foram tomadas, entre outras, as seguintes deliberações:

Orçamento suplementar — Patentear ao público, nos termos do art.º 684.º do Código Administrativo, o 1.º Orçamento suplementar da Câmara para o ano corrente, no qual se prevêem despesas no montante de 2.400.000\$00 e, em contrapartida, receitas de igual quantia.

Centro de Assistência Social Polivalente — Reformar a deliberação tomada em 19 de Dezembro de 1951, e elevar a comparticipação de 150.000\$00, então votada, para 240.000\$00 a pagar em três anos, à razão de 80.000\$00 por ano, destinada a um Centro de Assistência Social Polivalente, englobando um Infantiário, Consultas (Pré-natal, Puericultura e Pediatria), Centro de Inquérito Assistencial e um Patronato para Raparigas, importante melhoramento, este, de alto interesse assistencial, a concluir nesta Vila.

Caminho Municipal da Manta Rota à Nora, passando por Buraco — Atribuir e pagar a Maria Justo Pequeno a indemnização de 2.530\$00 por prejuízos causados em árvores, frutos e seara, na propriedade que possui marginalmente com o caminho em epígrafe, na freguesia de Vila Nova de Cacela, em construção.

Finanças Municipais — Pelos balancetes apresentados, tomou-se conhecimento do movimento de fundos desta autarquia, que acusa os saldos de 1.789.634\$40 e 251.948\$70, respectivamente, nas contas da Câmara e da Zona de Turismo.